

EDITORIAL

Esta edição do *Boletim Formação em Psicanálise*, embora não tenha, a priori, uma intenção temática, conta com artigos que abordam questões concernentes a importantes desafios clínicos, éticos e políticos do psicanalista de hoje. A Psicanálise, que, tradicionalmente, tem trabalhado com a singularidade, viu-se na necessidade de criar ferramentas para intervir no social. Assim, cabe ao analista não só se ocupar da constituição e do sempre relativo e oscilante equilíbrio do psiquismo de seus pacientes, como também dar especial atenção à produção e desmantelamento de subjetividades na sociedade em que atua.

O psicanalista tem como tarefa essencial propiciar que, num psiquismo, nos primeiros tempos de constituição, haja a construção de uma tópica, graças à instalação do recalque originário. Isto requer intervenções muito diferentes da clássica técnica de dissolver resistências e levantar o recalque secundário, como nos mostram os trabalhos de *Cynthia Peiter, Maria Salete Abrão Nunes da Silva e Maria Luíza Ghirardi*, abordando as problemáticas envolvidas nos processos de adoção, problemáticas estas extremamente complexas, já que têm que dar conta do psiquismo dos adotantes e do lugar que o adotado neles ocupa, bem como da própria criança que, no mínimo, já passou por uma traumática vivência de descontinuidade do real do corpo materno, além das rupturas de vínculo com cuidadores de abrigos.

O trabalho pioneiro e valoroso que vem sendo desenvolvido pelo *Grupo Acesso*, desde 1996, apresentado na *entrevista* desse número, mostra analistas engajados em inovar e criar ferramentas de intervenção clínica e social. Nascida na Clínica do Instituto Sedes Sapientiae, ao longo desses 14 anos, a equipe do grupo tem oferecido atendimentos clínicos a crianças, adolescentes e pais envolvidos com a adoção, bem como assessoria a Varas da Infância e da Juventude, Instituições de Acolhimento, Escolas e Conselhos Tutelares. Sua produção científica busca aprofundamento e difusão destes conhecimentos tanto à comunidade psicanalítica quanto a outras áreas afins, como nos mostra sua intensa participação em eventos e palestras nacionais e internacionais, além dos trabalhos publicados sobre o tema.



É interessante notar que a preocupação com os efeitos de vínculos instáveis e rupturas nas subjetividades também está presente nos artigos de *Claudia Figaro-Garcia* e de *Lucianne Sant'Anna de Menezes*. O primeiro enfoca o crescente número de casos de desaparecimentos/fugas de crianças e jovens, grave sintoma da fragilidade e violência dos laços das famílias envolvidas nesta experiência traumática e desorganizadora. Busca compreender e criar modos de intervenção junto aos que ficam e são jogados no desamparo do vazio e da impossibilidade de inscrever o traumático no código simbólico. O segundo tem por objeto de pesquisa a precarização dos vínculos de trabalho na atualidade e o adoecimento provocado pelo desamparo a que é lançado um trabalhador, destituído tanto da mais fundamental via sublimatória de destino de suas pulsões quanto de um lugar valorizado em seu circuito social.

Pierre Fédida dizia que os casos difíceis aumentam a clinicidade do psicanalista. *Marly Goulart* é exemplo vivo disto. Apoiando-se mais em sua contratransferência do que em conceitos faz uma clínica mais de criação do que de revelação. O mesmo vale para os casos trabalhados no livro *O Eu em Ruína*, organizado por *Eliane Marraccini* e apresentado na resenha de *Regina Maria Guisard Gromann*.

Por fim, a obra prima do cineasta Lars Von Trier, *Anticristo* recebe dois olhares ricos e originais: *Maria Luiza S. Persicano* parte de cuidadosa pesquisa da simbologia do título e utiliza-se da teoria kleiniana para sua análise. *Ede Oliveira e Silva* traz um depoimento intenso e impactante da experiência vivida ao assistir ao filme: foi jogado no inferno de Dante e de lá saiu chamuscado.

Tenho certeza de que este número da revista *Boletim* também suscitará muitas inquietações e enriquecerá seus leitores: Experimentem!

Maria Teresa Scandell Rocco

Psicanalista, docente e supervisora do
Curso Formação em Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae.